

BREVURAS

1973

Detalhes do manuscrito: na folha de rosto, está escrito o título, *Brevuras*, e “Walter Smetak, Salvador, 7 de novembro em 1973”. Distribuído em 121 páginas datiloscritas, *Brevuras* é composto de dois textos introdutórios (“Mundo posterior” e “A última revelação”) e de uma longa seção de “Aforismos” de diversas extensões — alguns de uma linha, outros de uma página ou mais, inclusive poemas, separados por travessões. Adiante, há outra seção, com o título “Eu sou um pequeno artista de um grande projeto”, datada de 8 de outubro de 1973. Composta de poemas e textos um pouco mais longos do que os da seção anterior, permanece o caráter aforismático, mesclando ensaio e poesia. O trecho a seguir é uma seleção dentre as seções do livro.

Esta barba branca que eu uso agora, não é uma barba, é uma geadá.

•

E se a minha vida só valesse isto: ser a cor e o perfume de uma flor nobre, já valeria bastante.

•

Os barulhos deste lado da vida me mostram o grande silêncio do outro lado. No meio deles há um caminho que leva à meta.

•

É muito fatal, toda gente grande são associados imediatamente com metrópoles grandes. O fulano de Nova Iorque, o ciclano de Roma, o beltrano de Buenos Aires, e assim por diante. Me parece como alguém que fosse cuspin-do em cima de grande paralelepípedos.

•

A grandeza se encontra num grão de areia ou num furo de um alfinete. No espaço pulmonar e no átomo invisível.

•

O grão de areia pode ser amplificado no microscópio eletrônico e pode parecer como uma imensa rocha. A diversidade do MUNDO na visão da Unidade seria apenas uma célula do universo.

•

“GRANDE” teria o sentido de Eterno, universal; pequeno então seria o mundo, a nossa terra. Aquela bola de sabão, cheia de ilusões.

•

E desaparece lentamente a grande angústia da morte, do pensamento da continuidade. Na morte não tem mais medida de tempo, não tem continuidade

mas o eterno presente. Calcula então, que a morte deve ser o mais feliz acontecimento na vida do homem. Na noite da morte da existência ele se poderá levantar ao SER. Mas é curioso de saber, este SER já tem sido antes que a morte e a vida se efetuaram na existência.

•

Entretanto não vale nada isto para todos os homens. Há uma grande diferença entre a percepção intelectual e espiritual da vida entre os homens.

•

Estamos na época da Ante-cultura, do Ante-Cristo e do Ante-Buda. Como podem ser representadas Consciências em forma digamos de gente?

•

Da luz de um lugar depende a arquitetura. No arco romano ainda se encontra, depois de um minucioso exame, a filosofia grega, e muito mais a adaptação prática destas angulosidades da luz. Na percepção germânica do arco romano encontramos a gótica, aquele desejo dos sempre bárbaros de fugir da escuridão e entrar na mística. Na arquitetura do SOM qualquer ângulo que tiver quebra os fluidos sonoros, daí os instrumentos germânicos têm menos expansão de som. Ver o som dentro da forma, associado à LUZ, foi um evento dos gregos e herdado pelos romanos, e talvez nunca compreendido mais pelo norte da Europa.

•

O amor deve ser uma coisa suave, deve vir sem alguma perturbação. Se for o contrário é apenas uma paixão, cheio de problemas e deformações. Para examinar esta situação dos amores, coloquem a imagem dentro de uma das cores principais que são o vermelho, azul e amarelo. Depende destas cores que sairão em volta da imagem, pode ser facilmente identificado a qualidade de amor a que se refere o caso.

•

Mais uma vez: Eu que passa, o tempo fica. Eu passa-fica. Uma coisa em mim é permanente: o tempo; uma outra passa: EU.

•

A vida é composta de pequenos assuntos.

•

Chama àqueles da minha oposição de hoje em diante: os meus bemdesfeitos. Tá bem?

•

vou sonhar..

vou sonhar e dormir  
depois da minha morte  
a tranquilidade do justo.  
e não quero saber  
se os sonhos são verdades  
ou ilusões e nem parábolas.  
estou cansado de aprender  
e comparar aquilo  
que nunca podia compreender;  
a última verdade.  
deve ela se encontrar comigo,  
eu não acharei ela jamais  
disto me convenci  
durante a minha vida.  
assim quero sonhar  
sem tomar o opium do chinês  
a maconha do hindu  
e a coca do índio,  
nem os barbitúricos do inglês.  
eu quero me envenenar  
de minha própria alquimia,